

O LICEU

Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo
Cuiabá — Mato-Grosso



Ano II

Agosto

N. 14

Alma de artista

Circo Saratti! Hoje pela primeira vez! O salto do trapezio e a cavalgada da morte! Pelos irmãos José e Maria Aime'!

Assim estava escrito em grandes letreiros pelos muros e paredes da grande cidade.

— Papai, podemos ir ao Circo?

Assim falando, corre João, um rapaz de 14 anos com seu irmão Luiz de 6 anos ao quarto do pai que é médico.

— Vocês no Circo?

— Sim, papai, o senhor já o prometeu há tanto tempo! Deixe!

Sorrindo acedeu o médico ao pedido dos filhos. Aprontam-se para a saída. João mudou de cor de alegria. Lá fora no portão estão centenas de autos. No meio o grande Circo.

Começa a representação. João está encantado vendo todas aquelas belas cousas.

* * *

— Os irmãos Aime! proclama um senhor em fraque. Musica estrondosa.

E José e Maria entram cavalgando a galope, fogoso ginete preto. Chegados ao meio da arena param e alguns criados dão uma cinta á cada um dos dois, cinta que está presa a uma corda, que corre por cima do trapezio e volta ás mãos dos criados. José salta sobre o cavalo. Está vestido de escarlate. E enquanto o animal corre desenfreadamente, soltas as redeas, ele brinca com os negros anéis dos seus cabelos e sorri, e distende e contrai os musculos.

E depois salta Maria sobre os ombros do irmão. Ela está vestida da mesma forma e ostenta uma bellissima argola de ouro no ebano dos cabelos. O cavalo galopa... vertiginosamente... em derredor da arena... Dois gritos... um golpe... E os dois estão sentados lá no alto do trapezio.

José dá um impulso e senta-se no outro trapezio, defronte de Maria. Um impulso após outro... E vêm pelos ares... por cá... por lá... Enquanto um pelos pés está dependurado do trapezio apanha o outro no vôo. Em baixo o cavalo continua na corrida. De repente... um salto mortal e José está em pé sobre o largo dorso do cavalo, oscilando levemente no espaço, Maria desce pela corda e deixam rapidos a arena, sob uma chuva de aplausos.

Joãozinho está fóra de si.

— Papai podemos ir ver os dois irmãos?

Pausa.

— Eu os acompanho.

E lá vai João. José está ao lado seu cavalo preto. João estende-lhe a mão a sorrir.

— Eu gosto de você... Quer ser meu amigo?

— Você gostou assim da representação?

— Imensamente. Onde está sua irmã?

— Lá no carro. Está descansando. Venha ver os cavalos. E lá se vão, de mãos dadas enquanto o médico conversa como Diretor do Circo.

* * *

Quási todas as tardes lá estão os dois. Já são mais que amigos, irmãos. João já sabe fazer algumas artes. Já esteve até algumas vezes no trapezio, naturalmente sem que o pai o soubesse.

* * *

Ultima representação. Maria está com febre.

O Diretor furioso de raiva. Então deve-se perder o melhor espetáculo?

José está ao lado do leito da irmã. A' mente assoma-lhe uma idéa. João está com os cavalos.

— João!...

E lhe conta tudo. Uns minutos de reflexão e o pequeno está disposto a substituir a doente.

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo

Cuiabá - Mato-Grosso

Ano II

Agosto de 1937

N. 14

A minha cruz

Oswaldo Lôbo

TOMAR a minha cruz e seguir as pègadas do Divino Mestre. A minha cruz é o meu dever, são as minhas enfermidades, é a contínua guerra que devo sustentar contra os meus defeitos.

A minha cruz é o meu próximo, que devo amar, no sentido natural e legítimo dêste vocábulo, consagrar-lhe amor sobrenatural, mesmo quando êle o não mereça em razão do desprêso em que me tem, ou do ódio que me vota; amá-lo, ao meu semelhante, seja-me êle simpático ou não, amá-lo como a mim mesmo, por amor do meu Deus.

A minha cruz é a obediência. Obediência a meus legítimos superiores.

Obedecer-lhes, obedecendo a Deus; obedecer-lhes, em tôda a linha, com a maior perfeição de que eu fôr capaz no momento; obedecer-lhes com os olhos no alto, não me contentando com uma obediência externa sòmente, mas ir mais longe e obedecer de coração.

E' cumprir as suas ordens integralmente, sem comentários, sem subterfúgios, sem réplica.

A minha cruz é tudo o que entra em o número das minhas obrigações de estado,

A minha cruz sou eu mesmo.

E essa cruz, que é a minha, eu devo levá-la. Levá-la resignadamente, todos os dias, olhando o céu.

O firmamento será estrelado, mirífico, resplandescendente... Mas a terra que eu vou pisando... os meus pés, de encontro aos cascalhos e esmagando espinhos, mal poderão, muita vez, sustentar-me.

Mas não é só isso; além da estrada pedregosa e repleta de urzes, eu terei, freqüentemente, de enfrentar a tormenta, a tormenta que me virá do próprio céu, que em outra ocasião se me mostrou sereno e refulgente, em noite de luar calma e fresca; tormenta que me virá da-quele mesmo céu, cujo azul muito puro outrora tanto me enlevou, dêsse mesmo céu que foi todo amenidade quando a manhã vinha despontando, lentamente, precedida da aurora, aromatizada pela brisa mais fagueira, até que o sol, brilhante e quente, acabava de completar êsse cenário esplendoroso, e depois subia... doirava o cume dos montes... iluminava a planície... atingia o zênite... descambava para o poente, deixando na terra uma vaga e dôce poesia — a vaga e dôce poesia do entardecer — indo dormir tranqüilamente, depois de ter feito tanto bem à humanidade.

O próprio céu será para mim de uma crueldade incrível!

Molhar-me-á com o seu vento feroso, preparar-me-á,

com a água e o pó do caminho, um barro escorregadio, que eu devo amassar; e minha cruz, molhada pelas chuvas, será mais pesada ainda!

A's vezes não é a procela que o céu me oferta, mas é o calor tropical. O pó que eu alevantar na estrada virá sufocar-me; e, por entre os campos devastados pelo fogo, a cigarra, cantando estridulamente, será a única nota de poesia de toda essa atmosfera de agosto, cáida, melancólica, mas de poesia selvagem, irritante para muitos.

Minha alma, abrasada, não saberá murmurar uma prece.

E eu trilharei, sòzinho, pelo caminho da vida, aborrecido de todos e de tudo, e aborrecido de mim mesmo.

E seguirei avante, levando a minha cruz.

E, levando-a, terei de sofrer, e muito, porque CRUZ quer dizer SOFRIMENTO.

Mas, um dia, deixarei de levá-la.

Então terá cessado para mim o doloroso peregrinar desta vida.

Abrir-se-ão as portas da eternidade: serei feliz!

*
* *

Não é tanto assim. Deus se compraz em disseminar, ao longo do nosso caminho, muita alegria e consolação.

Nós é que, às vezes, vemos tão sòmente a cruz negrejando na infinita amargura de um instante, qual num eterno vale-de-lágrimas desolado e lúgubre...



CONTRASTANDO

Izé X. Nada

No Rio-de-Janeiro, dois irmãos, um de 18 e outro de 20 anos, trabalhavam para ganhar a vida e sustentarem-se nos estudos.

Por coincidência singular, tinham diferente horário, pelo que era-lhes difícil entabolar uma palestra prolongada.

Acontecia que Jorge, o mais velho, chegava em casa e encontrando seu irmão Antônio que dormia e... não tendo tempo a sobrar, não o acordava... Aquê, horas depois, acordando e vendo o mano Tótó que a sono sôlto descansava após os trabalhos da noite ou do dia, não o perturbava e ia cumprir o seu dever.

Ambos os moços moravam sós e trabalhavam em grandes casas.

Neste tom, romperam vários anos, e por fim sublime e justo, ultimaram a carreira assim: um dêles formou-se médico e o outro engenheiro!

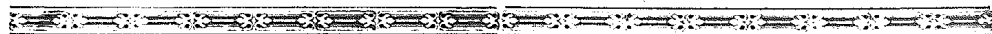
Eis aí um exemplo a ser imitado por muitos outros. Rapazes heróicos que com o suor do próprio rosto se formam em a capital do nosso rico Brasil!...

E' edificante e de estímulo sem par!

Infelizmente, em nosso tempo, temos mocinhos que se deixam levar pelas carícias amorosas de morfeu e dormem a bom dormir, de dia e de noite, sem se lembrarem das lições, tarefas, que insistentemente pedem o seu auxílio!...

Dessa forma, só teremos mediocridades em o nosso país.

Olá, bons moços de hoje, capacitai-vos do valor da instrução e no futuro colhereis os frutos com verdadeira alegria vossa e para os vossos caros.



As férias

A alegria no Colégio era geral. Viam-se por um lado rodinhas de alunos a conversarem de passeios, de pescarias, enfim de tanta coisa que haviam de fazer durante o tempo das férias.

E elas não custaram.

Chegou o dia em que os alunos, satisfeitos despediam-se dos seus superiores para gosarem dos albores das férias.

Lá fóra, que beleza! tantas festas durante os poucos dias... Por todos os lados viam-se fogueiras, ouvia-se

os estrondos dos fogos que pareciam saudar as festas de S. João e S. Pedro.

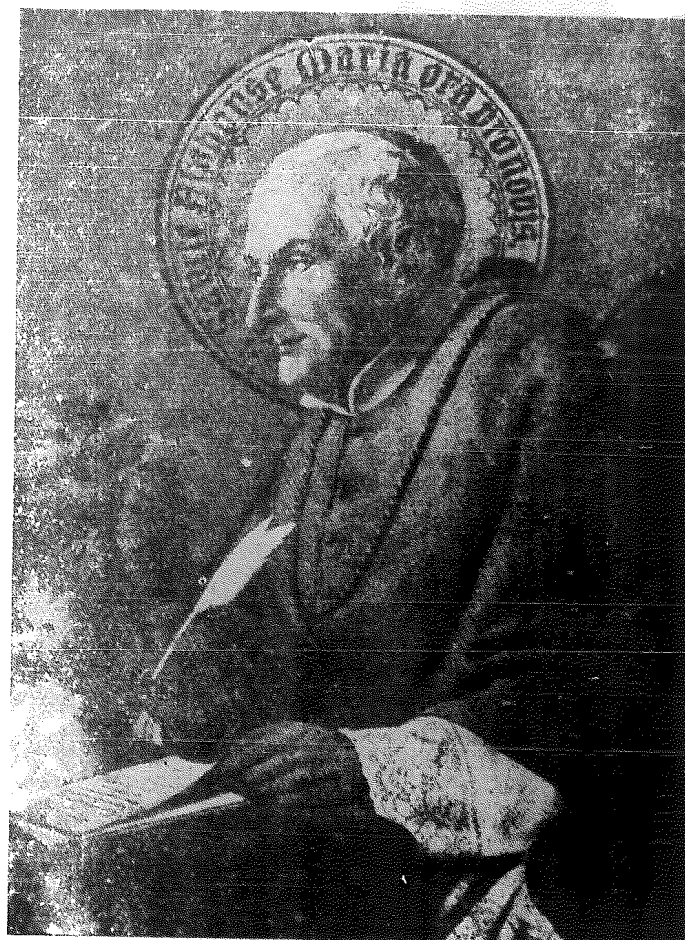
E as férias iam-se passando a passos largos até que um dia a pequena folhinha narrava que já era tempo de voltar ao colégio.

Parecia que elas foram curtas.

Eis-nos agora, novamente, com a mesma vida colégial que antes.

Esperemos que as aulas também passem depressa como passaram as férias.

João Freire



Santo Afonso Maria de Ligório,
fundador dos redentoristas e pro-
tutor da inspetoria salesiana de
Mato-Grosso.

ANIVERSARIANTES

MÊS DE AGOSTO

Alunos

- 2 — Benedito Hélio Dorilêo Pina (1ª série).
- 2 — Iris Claro da Cruz (aprendiz).
- 2 — Estêvão Lima Cardoso (aprendiz).
- 2 — Francisco Jorge da Conceição (aprendiz).
- 2 — Manoel José Xavier (1ª série).
- 5 — Telésforo da Nóbrega Fernandes Filho (2ª série).
- 9 — José Prado (aprendiz).
- 10 — Silvio Ferreira Tenuta (1ª série).
- 12 — Claro Hilário de Lima (aprendiz).
- 17 — Jairo Bandeira Duarte (1ª série).
- 22 — Wilson Benedito Carneiro (2ª série).
- 22 — Claudio Camilo Fernandes (2ª série).
- 24 — Tristão Gonçalves de Queiroz (1ª série).
- 24 — Sebastião Ramos (1ª série).

Salesiano

- 18 — Pe. Guilherme Vagatch — dd. vigário da Paróquia de São Gonçalo.

PARABENS!

CURIOSIDADE

No homem adulto, em condições normais, ha cerca de 16 atos respiratorios por minuto; na mulher, 18. Considerando-se as diversas series de animais, tem-se que o numero de atos respiratorios é inversamente proporcional ao peso. Assim, por exemplo, o cavalo tem 10 atos respiratorios por minuto; o cão, 20; o gato, 24; o rato, 150. Na especie humana, o recém-nacido tem 44 atos respiratorios por minuto, a criança de 5 anos, 26; os moços de 15 anos, 20.

Não julgueis nunca...

A. ESSER

No quartel é um vai-vem de oficiais em uniforme de gala.

No pavilhão, onde reside o marechal com todo seu estado maior, tremula alegre ao vento a bandeira nacional. Festeja-se o aniversário do Snr. X., marechal e comandante do exército.

Os soldados dão os últimos retoques à limpeza e aos preparativos da festa do ilustre sexagenário.

Pouco a pouco vêm chegando os convidados, entre os quais se notam autoridades de destaque, civis e militares.

No pátio interior do quartel duas companhias, no alinhio das grandes paradas, estão esperando em posição de descanso.

Eis que atravessa os ares um vibrante toque de clarim!...

Um coronel, montado num fogoso corcel, com voz imperiosa e sêca, dá ordem:

— Companhias, ao meu comando!... Sentido!...

Os soldados, como que eletrizados a essa voz, executam logo a ordem e permanecem imóveis, de cabeça erguida, esperando outro comando.

E' a hora do desfile deante do marechal e das demais autoridades. Galhardamente passam os bravos, saudando no seu chefe a patria que amam e defendem.

Terminada essa manifestação militar, vem o banquete onde mais intimamente se festeja o feliz chefe do exército. A' mesa todos estão alegres. Os pratos, mais suculentos e mais variados, vêm satisfazer a todos paladares. O vinho, que não falta, ameniza a conversa já bem animada.

No fim do banquete, o marechal pediu licença para se retirar. Um negócio importante e urgente reclama a sua presença em outro lugar. Num gesto maquinal quer puxar o relógio, mas... oh!... o seu relógio de ouro tinha desaparecido!...

O estado maior, que o rodeia na mesa, nota logo a surpresa do marechal e um coronel se atreve e indagar:

— Marechal! desculpe. Mas, qual é o motivo do seu embaraço?" —

— Desapareceu meu relógio de ouro! —

— Mas, Excelência, tem certeza de ter vindo aqui com o relógio no bolso?" —

— Sim! Tenho plena certeza. Pois, há pouco, ainda o puxei para verificar a hora." —

— Pois então, replicou o coronel, seu relógio deve estar nesta sala. Há-de ser encontrado!... Vamos revistar cada um dos presentes e descubri-se-á o ladrão."

O marechal, cuja delicadeza não aderiria de maneira alguma a tal processo, se o põe enérgicamente à execução do projeto.

— Excelencia, insiste o coronel, nesta questão somos nós que decidimos." E, voltando-se para os convivas, lhes lançou esta apostrofe que fulminou a todos: Convivas, nesta sala ha alguém que veio a desmerecer o honroso convite a esta festa! Roubou-se nesta sala mesma o relógio do marechal! Sou do parecer que se revistem todos os presentes para descobrir o autor do furto! levantem-se aqueles que forem do meu parecer!..." —

Todos se levantaram, menos um sargento que, em atenção a sua fidelidade e exatidão no cumprimento dos seu deveres, tinha sido convidado, pessoalmente, pelo marechal. O pobrezinho abaixou a cabeça envergonhado, e não se mexeu da cadeira.

— Descoberto!" — ouviu-se murmurar entre os convivas é ele o ladrão! — Maldito bandido!"

O proprio marechal, que nunca duvidára da hostenidade desse seu subdito, sentiu despontar na sua alma certa desconfiança. Ele também o julgava ladrão. Impediu, porém que se realizasse o projeto do coronel e saiu. Silencioso e triste foi o fim daquele banquete.

O pobre sargento deixou aquela festa, com o coração dilacerado. Seu nome tão injustamente difamado. Sentia pesar sobre ele aquela maldição dos convivas e via-se privado da tão merecida confiança do seu chefe.

Poucos dias após, o marechal descobriu o seu relógio de ouro no fundo da casaca. O bolso, onde tinha colocado o precioso objeto, estava furado. Esclarecido era o mistério!

O marechal mandou chamar ao sargento que não demorou em comparecer.

— Meu amigo, lhe disse o comandante, desde aquêles famoso banquete todos te consideram como ladrão. Sei que és inocente, pois o relógio está comigo. Porque, naquêles dias, não fizeste como os demais? Porque não te levantaste também tu, quando os outros se levantaram?"

— Ah! Marechal, suspirou o sargento, tenho aqui! — epôs a mão no peito — um coração que ama e que sabe segredos que só ele deve saber. Esse coração sofre calado. Quero, porém, confessar tudo. Tenho uma querida mãe, uma esposa e queridos filhos na miséria. Na ocasião do seu banquete tinha tirado pão e queijo da

meza e os tinha posto no bolso. Não me levantei, porque tinha receio de ser descoberto e passar por uma vergonha muito grande; não queria que se revisitassem os convivas. "

O Marechal, ao ouvir essa declaração tão sincera, sentiu o coração enternecer-se. O velho militar chorava, e, por fim, abraçou efusivamente o seu fiel sargento.

Queridos amigos e bons alunos, quantas vezes nós, como aquêles convivas, julgamos mal ao próximo e lhe tiramos injustamente a fama! Quantas vezes, limitando-nos às apparencias, condenamos os nossos superiores, ou colegas! Quantas vezes semeamos assim a desconfiança e a desarmonia no colégio!

Ah! meus meninos, as más linguas são semeadoras de zizânia: causam estragos irreparáveis, destroem todo commercio de confiança e de caridade entre os superiores e inferiores, e mesmo entre companheiros; e tornam muitas vezes a vida colegial enfadonha e insuportável.

Fugi, pois, das críticas como da peste. Lembrai-vos sempre da palavra de Nosso-Senhor:

«Não julgueis e não sereis julgados!»

BELISÁRIO E GELIMÉRIO

Os Vândalos, bárbaros do grupo germânico, haviam invadido no V século o Império Romano. Fixaram-se depois na região que veio a chamar-se Andaluzia (Vandaluzia) por causa d'êles. Parte d'êsses bárbaros, porém, foram para o Norte da África, onde existira Cartago e aí fundaram um reino. O último dos seus reis foi Gelimério, derrotado por Belisário, general de Justiniano. Gelimério fugiu para as montanhas e teve afinal que se render pela fome. É tradição que pediu a Belisário uma lira, uma esponja e um pão: êste, para comer; a esponja, para tratar de seus olhos doentes; a lira, para cantar sua desgraça. Apresentado a Justiniano, desatou a rir. Lembrou-se da frase da Bíblia: *«Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!»*

JÔNATAS SERRANO: *História da Civilização*, 1ª série, página 79.

Fragmentos...

ESTRÊLAS

Ninhos de ouro pequeninos
des beija-flores do céu...

Ante de Souza

O homem é mortal, porque
tem começo e fim. Dá-lhe vida
uma alma imortal, porque tem
princípio e não tem fim. Foi cria-
do por um ser eterno — Deus.

— Qual a sua finalidade?

— Viver na terra conforme as
leis de Deus, seguindo a reta
estrada traçada e ensinada por
Jesus.

Vivendo assim, compra-se,
embora com sacrifícios, o firma-
mento onde estão as estrêlas lu-
zentes e belas.

Por fim: — que são as estrêlas?

— São os olhos meigos dos
nossos parentes amados que go-
zam no céu.

No contínuo pisca-pisca cha-
ma os seus.

São olhos saudosos de todos
os tamanhos que mirando a ter-
ra, procuram os seus caros que
ainda estão lutando.

Frederico Silva



Pensamento. — A glória é mais fá-
cil de adquirir do que a virtude; pode-
se conseguir aquela combatendo o
seu semelhante, mas esta só se con-
segue combatendo-se a si próprio.

EMISSÁRIO DO INFERNO

Longe

Longe dêle!

Ele veio do inferno.

Traz peçonha nos olhos.

Traz a morte na amizade.

Observa-o. Na igreja seus

lábios não se de s c e r r a m.

Nem reza, nem canta.

Em tôda a parte quebra
a disciplina.

No salão de estudo não
trabalha.

No pátio tem modos seus.

Muito seus. Quer ser afá-
vel. Mas o sorriso que ele

ensáia nos lábios cheirando

a fumo lhe sai muito sem

graça. Sorriso estudado. Fal-
so.

E os olhos? Não têm bri-
lho. Não te ousam fitar. Res-

sumbram maldade. Se lhe fa-
lares... mas não lhe fales não,

que dali só brota inundície,
crítica, despeito e tolice.

E basta.

Já adivinhaste quem ele é.

É o mau companheiro.

Longe! Longe dêle! Ele

veio do inferno!

BRASÍLIO MARAJÁ

Pensamento. — Olhai para o céu, e
não o troqueis pela terra. Olhai para
Jesus Cristo e não o abandoneis pe-
lo mundo. Olhai para a eternidade e
não a percais, por um momento.
S. Francisco de Sales.

AS DUAS LEIS



Sulcando as ondas azuladas, o vaporzinho vem vindo, rio acima, rumo ao seu longínquo destino. Tão divagarinho anda que não parece avançar. É que a pequena embarcação padece a tração de uma dupla força: a do motor que a empurra para cima e a da correnteza que a arrasta para baixo.

Imagem da nossa alma, em meio aos emboates do mar deste mundo. Seguindo sua derrota para o porto da eternidade, a nossa alma também se acha puxada por uma dupla força: a lei do espírito que a norteia para o alto, apontando-lhe o dever e a lei da carne que, solicitando-a em contrário, a impela ao mal, ao pecado.

Dolorosa dualidade que não escapou à observação do pagão Ovídio: "Vejo o que é melhor e o aprovo, sigo o pior... *Videor meliora proboque, deteriora sequor.*" Luta íntima que a alma regenerada sustenta interiormente, a braços com o homem velho, sempre vencido e sempre a reerguer-se; combate de cada instante e São Paulo, este grande psicólogo, tão finamente analisou, na sua epístola aos Romanos: "Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero."

..

Voltemos à comparação. O vaporzinho rumo para o porto, lutando contra a força das águas. Por mais fortes que sejam a correnteza ou as vagas, tem que enfrentá-las; não pode parar. Do contrário, abandonado ao-léu das ondas é o naufrágio irremediável. Para seguir feliz viagem são-lhe precisas duas coisas: obedecer ao leme; ter uma boa reserva de energia.

Assim a alma que luta contra as más inclinações. Combate cruciante: "Infeliz de mim! continua São Paulo, quem me livrará deste corpo de morte?" Isto é, desta propensão para o pecado, o qual pecado me conduz à morte. A alma também tem seu leme; a razão iluminada pela fé; tem outrossim sua energia: a graça sem a qual nada pode.

"Quem me livrará! e o apóstolo solta o brado consolante e libertador: "a graça de Deus por N. S. Jesus Cristo!"

..

A graça, divina energia, que outra coisa não é senão a mesma vida de Deus participada. Só ela nos guiará para as alturas; só ela dará cabo de todas as inclinações perversas. Vamos, pois, aprovisionar-nos dela; vamos às fontes sagradas da luz, da força, do calor: a devoção a Maria, a confissão, a comunhão.

M. Laporte



CRUZEIRO

iris de amor
 estro lidim
 Do rei David
 Mystica idé
 utopia és t
 irre fragaver
 lei da Judé
 iras ferinas
 Ferem sem d
 mãos divinas
 veda, retinas
 torvas de p
 sente o Ama
 Israel tu s
 aquelle amem f
 quando pedias
 o sangue todo
 sobre nós todo
 ouve, israel, aq
 no coração do
 encontra siml
 perdão, ó Pai, e
 Oh! estes braços
 aos céus exten
 que ainda agora
 luz e guarida e

risante do s
 diante horro
 corra de o
 e a nossa l
 uelle ousado
 Manso e do
 e logo human
 raram, poupa
 os que o est
 e a humanida
 compassivos
 fé no Tem
 lo do cruzeiro

enhor dos céus
 risando a Deus
 arão innocente
 extranha gente
 e feroz grito
 ivino afflicto
 o, eterno amigo
 o teu castigo
 eio do madeiro
 idade corroida
 deem-te vida
 lo do cruzeiro

brave Divina
 iman do vate
 ébo sagrado
 eleito ephor
 riga do Ede
 tinge a rub
 invés de d
 divinal amor
 Novo castigo
 e dos crimes
 dae foste tr
 emquanto pae
 poupas Isaac
 igual perdão
 deus, não dás
 nem te aprás
 sa-lo então
 Mas, de o tev
 anto, divino
 urge destino
 alivido fanal
 ante o feral
 sentir da fé
 vo célico Job
 velado morre
 quadro digno
 nado é o Bem

VUITO SERENO
 14/8/1931

iris benigno
 E Solemne no céu
 Cariste do Brasil
 O esoravo por dobrão
 Capturado, desterrado
 Aspiando embevidido
 Lediço do ar querido
 No alem deste azul lindo
 Oh! e qual prazer infindo
 Aoter no lado mais rediz
 E indistando a salvação
 E teu meigo, singular sorriso
 O sacro luminar de bom aviso
 E que me diz es no ethereolado prado
 O cruz bemdiota, meu pentão celestial
 Etão lindo conto que nem só o fado
 Pintá-lo no encanto do vicomundanal
 quando Jehovah desembuçando os ares
 deu co'a futura terra dos Palmares
 La seu sabbado sagrado então fruiu
 onde sonhou... em a queda derradeira
 da via lactea em frente da ladeira
 ao Filho Divino, e a cruz ahi sculpiu
 tremeluzi, vós, mimosas estrellinhas
 por sobre o leito do paiz de fadas
 pairai contentes, oh! velai sósinhas
 SEDE O CRUZEIRO E LUZ DE ALVORADAS



Crônica

MÊS DE JULHO DE 1937

10. — Terminadas as férias joaninas, reinício das atividades escolares.
16 — Feriado nacional. — Hasteamento da bandeira e canto do Hino Nacional. — Agradável passeio, rio-acima, ao lugar denominado "Guarita", propriedade do snr. Delfino. — Belíssima estância, a uma légua, mais ou menos, de Cuiaba. Fomos a pé. Lá, o rio é largo, e raso em grande extensão. Panorama esplêndido. Canoas. Um batelão respeitável, capaz de conter, de uma vez, toda uma classe como a 1ª série "A". Alguns peixes (poucos, devido ao calporismo dos pescadores). Cana de açúcar. Garapa. O cronista viu, pela primeira vez, um seringal (plantação do "Recreio", pertencente ao snr. Malaquias Regressamos ao noitecer Foi um dia memorável, cheio de alegria virtuosa, sem grandes cansaços nem excessos lamentáveis.
18 — Inposição do Escapulário do Carmo a vários alunos e pessoas do povo, em o nosso Santuário de Maria Auxiliadora.
23 — Regressa da visita inspetorial às casas salesianas da Missão do Araguaia, o revmo. sr. padre inspetor Ernesto Carletti. Em sua companhia vieram o revmo. padre Henrique Luthe e o coadjutor Antônio Aparício.
29 — Parte, com destino a Bonfim, estado de Goiaz, o revmo. padre José Galbuseira.
29,30 e 31 — Segundas Provas Parciais.

Primeira Prova Parcial

Classificação — Nome do aluno — Média

Primeira Série "A"

- 1º. — José de Carvalho Leite, 82
2º. — Henrique G. da Silva, 71
3º. — Alcedino P. da Silva, 70

Segunda Série "A"

- 1º. — Telésforo da N. F. Filho, 74
2º. — João Lício B. Filho, 68
3º. — José Siqueira de Assiz, 66

Primeira Série "B"

- 1º. — João Antônio Neto, 82
2º. — Gastão da C. Ribeiro, 75
3º. — Tristão G. de Queiroz, 70

Segunda Série "B"

- 1º. — Francisco G. Bezerra, 74
2º. — Antônio P. da Silva, 59
2º. — Leopoldo M. de Arruda, 59
3º. — Carmelito de A. e Silva, 58

GUILHERME MARCONI

No Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo, serão feitas preleções especiais, no dia 2 de agosto, em homenagem ao grande cientista ultimamente desaparecido — Guilherme Marconi.

DESPEDIDA A UM FILHO

Filho, vem cá, escuta um pai amante
Que êste último adeus vem dar-to triste;
Que sempre te amei muito, - tu o viste,
Que honrado te criei, isso é constante.

Hoje tomando, a região distante,
Que te mando estudar, tu já me ouviste;
Se tens empenho igual ao que me assiste,
Filho, vem cá, escuta um pai amante.

Vai, filho, estuda; e fazes cuidadoso
Com que pagues a um pai, que antes ausente
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permita, enfim, o Céu Onipotente,
Que os olhos que hoje anaso de saudoso,
Algum dia os anase de contente.

EM RESPOSTA A SEU PAI

Pai e Senhor, se um filho teu amante
Póde hoje achar-se alegremente triste,
Que me entristeço ao apartamento viste,
Mas em obedeci-te estou contente.

Vou com efeito à região distante,
E que quero estudar, tu já me ouviste;
Empenho igual ao teu respeito assiste,
Pai e Senhor, de um filho tão amante.

Prometo ir estudar, e cuidadoso
Farei por consolar o pai ausente,
As letras dando todo o meu repouso.

Ao pai enxuga o pranto, ó Céu potente,
Que se hoje faço o pai saudoso,
Em um dia o farei de mim contente.

Ferrão Castilho

O INTEGRALISMO E A DOUTRINA CRISTÃ

Não é do nosso programa apreciar situações políticas. O Integralismo, porém, apresenta-se com uma doutrina filosófica que aos católicos interessa seja definida, afim de que não se verifique a colisão entre os princípios políticos e os religiosos.

Atheios inteiramente aos interesses partidários, voltamo-nos para o sentido puramente doutrinário do Integralismo.

Transcrevemos abaixo o trecho final de um discurso do Chefe Nacional, o sr. Plinio Salgado, o qual pôde ser tomado como resposta a muitas dúvidas suscitadas na interpretação da doutrina integralista. Eis o:

“O Estado Integral é tudo quanto ouviste da leitura do Manifesto de Outubro e do Manifesto-Programa. E' tudo quanto vos acabo de expôr e de explicar. Mas, para mim, no mais íntimo refólho do meu coração e no recôndito mais misterioso de minha alma, o Estado Integral transcende das formas políticas e do próprio pensamento filosófico, porque o Estado Integral essencialmente, é para mim o Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo.

Estado Integral é o Brasil, realizando sua felicidade material e sua grandeza nacional, dentro do profundo sentimento de solidariedade humana e de fraternidade de todos os brasileiros; é o Brasil, onde cada habitante, conciente de seus deveres e de seus direitos, respeitando os direitos do próximo, respire e viva perfeita fraternidade e fundamente os sonhos maravilhosos da força e do esplendor da Nação no culto das virtudes antigas, que são o próprio alicerce dos lares do seu país; é o Brasil, trabalhando produzindo, criando, prosperando, crescendo, ao ritmo da mais perfeita harmonia social em que se equilibrem, se componham, se compreendam os interesses de cada qual com os interesses de seus pares e da coletividade; é o Brasil como uma preciosa relíquia antiga, numa patena de labores nobres, uma espada de copos de ouro, que se reverencia e se beija de joelhos; é o Brasil, como uma taça continental, onde cantam as músicas dos seus rios interiores, exprimindo os cantos imortais do coração da raça e as giestas sagradas da bondade; é o Brasil forte, respeitado, poderoso, civilizado, justo, sábio, heróico, e belo, com o pensamento erguido para o alto, para o Cristo, princípio e fim de todos os caminhos humanos.

Esse é o Estado Integral, como eu o compreendo no recessos de minha consciência, nas horas caladas em que me dirijo a

Deus, pedindo-lhe que faça a felicidade de meu Povo.

E é por isso que, neste momento, eu quero vos fazer a pro-
fissão pública de minhafé.

Eu creio em Deus Eterno; creio na Alma Imortal; creio no
poder optativo, deliberativo, da Alma Humana e na sua capacidade
de interferência nos fatos históricos, levantando as multidões e
conduzindo-as. Creio em Cristo e na luz que d'Ele desce. Creio
que aqueles que O invocam, que lhe suplicam inspiração, que lhe
requerem humildemente sabedoria, fôrça, esperança, escutam as
harpas misteriosas dos Arcanjos que despertaram um dia os simples
e de bôa vontade para que louvassem o Senhor.

Por Cristo me levantei; por Cristo quero um grande Brasil; por Cris-
to ensino a doutrina da solidariedade humana e da harmonia so-
cial; por Cristo luto; por Cristo vos conclamo; por Cristo vos con-
duzo; por Cristo batalharei

Na hora da perseguição, das dificuldades, das incertezas, pa-
ra nós, para o Brasil, quero contar convosco, Ó Cristo! Na hora da
vitoria quero construir convosco. E quando nos chamarem fracos,
O' Cristo, eu vos peço, dai-nos, do alto da vossa glória, a vossa
fortaleza!

De "A CRUZ" — semanário católico do Rio-de-Janeiro.

%%%%%%%%%%||%%%%%%%%%

Espelho do menino católico

Na Igreja, reverente.
Na missa, devoto.
Na confissão, contrito.
Na comunhão, fervoroso.
Na oração, recolhido.
Na aula, atento.
No estudo, aplicado.
Em casa, nunca ocioso.
Na mesa, sóbrio e bem educado.
Na cama, composto.
Nas conversas, limpo e cortês.
No falar, moderado.

No olhar, modesto.
No andar, grave.
Nos trabalhos, o primeiro.
Com os superiores, respeitoso.
Com os companheiros, afável.
Consigo mesmo, mortificado.
Com os enfermos, caritativo.
Com os iguais, humilde.
Com os menores, complacente.
Com os maiores, respeitoso e obedien-
te.
Em tudo, finalmente, exemplar e edi-
ficante

Sem a fé religiosa não tem o homem nem resignação, nem
coragem, nem felicidade, nem mesmo esperança, nos dias das
decepções cruéis da vida.

S. LAMARTINE



Miscelânea

MUNDO. O emprêgo dêste vocábulo no sentido de *gente, gênero humano, sociedade*, merece censura por alguns puristas, principalmente em casos como êstes: todo o *mundo* (tôda a gente) pensa assim; o *mundo* veste à moda do dia; o *mundo* (a sociedade) é implacável para os que não vencem na vida.

Não procede mais a condenação diante dos exemplos que apresentamos: «Estas quatro senhoras não contentes em pôr o *mundo* em revolta... Quisestes que entendesse que poi mim vencerieis todo o *mundo*...» (F. Moraes; *Polmerim de Inglaterra*, cap. 137; cap. 144.) «Para vos ter o *mundo* em muita estima.» (Camões: *Lusíadas*, canto II, est. 86.) «O govêrno tinha-lhe dado outro que para êle e talvez para o *mundo* era de maior valor.» *Herculano*: *Opúsculos*, V. II, pág. 162.) «Isso seria novidade grande e de duvidosa aceitação para com os vassalos e para com o *mundo*.» (J. F. Lisboa: *Obras Completas*, V. IV, pág. 58) «Os grandes homens do regimem são os a que todo o *mundo* está vendo na cara... Tem perfeita ciência dela como todo o *mundo*.» (Rui Barbosa: *Campanha Presidencial*, pág. 75; *O Artigo 6º*, pág. 69.) «Oh! se o *muundo* soubesse entender esta traça de multiplicar o pão!» (Vieira: *Sermões*, pág. 81, V I.)

AFONSO COSTA: *Galicismos e não Galicismos*, págs. 221 e 222.

GARÇON.— É francês. O que está em Domingos Vieira, Moraes e Roquete é *garção* e embora antigamente se desse a êste têrmo acepção diferente da que lhe damos hoje, criado de servir, moço de hotel, êle não repugna com êste sentido.

Machado de Assiz, que era escrupuloso, dêle usou no *Braz Cubas*: «Ao cabo, era um lindo *garção*, lindo e audaz.» (Pág. 48).

De *garção* é que não usaremos.

AFONSO COSTA: *Galicismos e não Galicismos*, pág. 99.

«O coração bate, no homem, 70 vezes por minuto; na mulher de 78 a 80 vezes. Considerando-se as várias espécies de animais, verifica-se que quanto maior o peso, menor o número de pulsações. Por exemplo: o coração do Elefante pulsa 26 vezes por minuto; o do cavalo, 40; o do carneiro, 70, o do cão, 100 a 120; o do coelho, 150; o do rato, 700; o do canário, 1.000

Na especie humana, conforme a idade, o número de pulsações varia. Assim, no recém-nascido é de 140 vezes por minuto; no latente, 120; nos meninos, 100; nos moços, 90; nos adultos, 70; e nos velhos, 75 a 80.»

O que nem todos sabem



- 1 — A baleia, gigante entre os cetáceos, sofre terrivelmente perseguida pelas pulgas!
- 2 — O gorila atacado não trepa nas árvores como todos os macacos, mas sim foge e se defende em terra.
- 3 — Cangurú pôde estripar um cavalo de um só golpe dado com suas patas.
- 4 — O cão selvagem do Indostão não corre em linha reta...
- 5 — «As *hematias*, ou *glóbulos vermelhos* ou *eritrócitos* — (corpúsculos vivos cuja principal parte — a *hemoglobina* — produz a vivificação do sangue), — são células tão microscópicas, que ocupam, no sangue, a proporção de 5 milhões por milímetro cúbico do líquido — no homem, e de 4 milhões e 500 mil — na mulher.»

Revmo. Padre Inspetor

De-regresso da visita às Missões Salesianas do Araguaia, acha-se, novamente, em nosso meio, o revmo. snr. padre dr. Ernesto Carletti, dignissimo inspetor salesiano da inspetoria de Santo Afonso, de Mato-Grosso e Goiaz.

Á nossa visita, juntamos os nossos ardentes voto de felicidade e longa permanência, para gaudio dos seus filhos desta casa inspetorial.

«Ouvir o Mestre, ou quem nos ensina, ler com atenção, escrever, seguir os conselhos e normas dos mais velhos, que representam o passado com toda a sua experiência, eis o que devemos fazer para instruir-nos.»

DUAS TIRAS

HELIO MAIA

Em geral, a Poesia é uma dessas manifestações que nos vêm com a chamada "mudança de idade", entre os 15 e os 20 annos. Molestia da adolescência, de que nos curamos com o vir da idade madura.

Ha casos, porém, que fogem a regra, como que para confirmar a unica regra certa, de que não ha regra sem excepção. Um desses é o do meu amigo J. A. Costa, que vem se revelando possuidor de um estro apreciavel e conhecedor da technica do verso — através de produções suas que a imprensa da terra tem publicado.

Quem não conhece o Capitão Costa? Bôa alma, espirito communicativo, modesto e lhano, ninguém, entretanto, suspeitaria nelle um cultor do Parnaso. Quando cheguei do Rio, faz um anno, e li n' *O Matto Grosso* a sua mimosa poesia *Fim de Verão* tive a impressão de que dera com um poeta. Sim, porque ha poetas e versejadores — ha os que fazem Poesia, quer dizer criam emoções e as transmittem e os

que, apenas, carpintejam linhas metricadas e rimadas. Costa é dos primeiros. Dir-se a que lhe accordou tarde a inspiração: por isso mesmo, veio já saturada e doce. A sua Musa posue o segredo de tocar as tecias mais variadas sem aborrecer. A civica — em *Minha Terra* ou n' *O Morrinho*; a lyrica — em *No fim do Caminho* (um dos seus melhores sonetos;) a elegiaca — em *Iman Morta*; a regionalista — em *O carro de bois* e até a philosophica e social — em *Como se faz um homem*. A sua vida, em plena bucolica, a beirario, naquelle ameno recanto praiano do *Peco-Grande* deve concorrer, e muito, para sublimar-lhe a inspiração. O escasso de tempo e a mingua desta secção não me permitem alongar a impressão sobre o poeta e a sua Poesia. Quero, todavia, illustrar o que fica dicto, dando a conhecer aos que mêm este soneto que se pôde dizer synthetiza a Arte simples e delicad de J. A. Costa:

No caibro do tendal onde trabalho,
Todos os annos vêm dois passarinhos,
Trazendo ao tenue bico fragil galho,
Cabello e painas brancas, co.no arminhos.

Composta uma rodilha, o agasalho
Escasso, ás vezes, para os seus corpinhos,
Abrigados do sol, livres do orvalho,
Depositam ali os seus ovinhos.

Então bem satisfeitos das jornadas,
Parece que entre si dão gargalhadas,
Entre beijos, folguedos e carinhos.

E um deitado no ninho da esperança
Escuta o companheiro que da frança
Canta esperando a vinda dos filhinhos.

Águas vivas D. Aquino Correia

Reclinados à beira dessas correntes nascidas, que mal sulcam na areia de ouro o seu pequenino álveo e fogem, seguimolas instintivamente, com a imaginação curiosa, através do seu longo e acidentado itinerário: aqui são apenas um fio de água, ali um regato, além um riacho, mais além uma cachoeira, depois um caudal majestoso, e a mente se pasma ao pensar que êsse filete de cristal, quase imperceptível, se transforma, enfim, na incomensurável massa de água dos maiores rios e estuários do mundo!

Outros não são os pensamentos, que nos acodem diante da mocidade, cuja vida também corre e se espraia ao longe, rumo ao futuro, tão promissora de grandezas como êsses veios cristalinhos, que vão depois rivalizar, em amplitude, com a imensidade divina dos mares.

Lembrai-vos, porém, ó moços, que nada vale a vida física e mortal, por mais jovem e robusta que seja, sem a vida imortal do espírito. Desta é que vos falo, porque ela é que dá valor ao corpo, nela é que se fundam as esperanças, que em vós depositamos, dela, enfim, é que deveis sobretudo cuidar, orientando-a, desde logo, para os seus destinos eternos.

Olhai, ainda uma vez, para essa águas vivas e correntes. Receberam também elas do Criador o seu destino, e dêle não se afastam. Dir-se-ia que assim como os dez mil gregos de Xenofonte, ao contemplarem, afinal, o panorama azul do Ponto Euxino, prorromperam naquele brado unísono: *Thalassa! Thalassa!* assim também elas, em todo o seu percurso, não tenham outro suspiro nem outro grito, senão êste mesmo: o mar! o mar!

Desde que saem borbotando do seu ôlho d'água, encaminham-se logo para o oceano, e como que vão já murmurando entre si: o mar! o mar!

Atravessem elas campinas enfloradas ou lodaçais putrefatos, bosques cheios de seiva e aroma, ou bocâinas áridas e brutas, cidades em festas ou taperas abandonadas, nada as distrai, nada as prende, senão que passam além, e cantando ou gemendo, vão dizendo incessantemente: o mar! o mar!

Às vezes um massiço de morros embarga-lhes o curso, ou

planuras baixas obrigam-nas a transbordarem lado a lado: não importa! nunca perdem o rumo, e por maior que seja a inflexão e as voltas, vão sempre repetindo: o mar! o mar!

Felizes, mil vezes felizes de vós, ó moços, se fizerdes como êsses grandes rios, e a água viva da vossa mocidade jorrar continuamente para a vida eterna, buscando êsse ideal dos ideais, que é Deus, oceano de todas as perfeições, mar de luz, mar de beleza, mar de vida, mar de amor, mar bem-aventurança!



A SÊCA



*Agosto. Sol a pino. Em tudo impera
O calor. E, nos vales, a fumaça
Amontôa-se, dando à atmosfera
Uma tonalidade informe e baça.*

*Nem uma gota d'água refrigera
A secura da terra nua e lassa;
Nem sequer uma brisa — Deus prouvera! —
Pelos campos comburidos passa!*

*Os animais famintos adormecem
Em mudo sotrimenuo. Silencia
O passaredo. Nem chora estas máguas,*

*Estas dores que a todos emudecem.
E o homem suspira, até ao fim do dia,
Querendo a chuva, só querendo as águas...*

Bomfim, 1936, agosto.

José Sijai

Fruto da má educação

Vuitó Sereno

Lá para as bandas do Sul, em tempos que não vão longe, vivia em uma grande cidade, uma família de gringos: Pai, mãe, um filho rapaz e duas meninas. O casal, em tempos melhores, pertencia ao rol desses meio-cristãos de nossos dias, que só vão à Igreja, quando despetalaram uma a uma as ilusões da vida ou quando já colhem nos filhos o frutos amargos de uma educação natural e descuidada. João, o chefe desta casa, ainda cedo abriu os olhos à luz das realidades.

Pai de esperançosas crianças, quis deixar sua bela Nápoles. Trampôz o Atlântico e desceu em terras brasileiras. Veiu a viver da nossa vida, da vida da Paulicéa. Não foi, porém, feliz, como não poucos dos seus companheiros. Deu-se à vida sacrificada dos que tiram dia a dia o seu pão. Parco nos gastos domésticos, com as economias custeava os estudos do rapaz. As meninas cresciam a merez das esperanças, nem escola, nem ofício. A mãe, pobre martir, curtia resignada e ternos desgosto, infindas amarguras. João, esforçado, operário honesto, arcava dia e noite sob o peso esmagador de sacos e mais sacos de cafés. Era carregador da estrada de ferro. Sempre em movimento, sempre recurvado e sobraçado à preciosa rubiacea, fadada a esquecer as magoas e alegrar os animos de muitos "gentlemen" nos hotéis do estrangeiro...

Quem visse o nosso, João, sempre alegre, na azáfama estonteante, em meio aos colegas de sorte, não entreveria, de longe sequer, o longo fio de dores que ia apertando o nó criminoso naquela existência. No entanto, que contraste!

Antonio, filho único e esperança dos pais e das irmazinhas, tinha-se tornado o algoz de seus genitores. A custos dos suores do velho pai e dos milagres da boa e santa mãe, terminava o 3º ano comercial. Esquecendo e des-

prezando os gemidos de sua genitora, deu-se a libertinagem. Em casa era o patrão!

Tudo lhe devia sair do agrado. Sua norma era: Come caldo, vive em alto, anda quente e viveras longamente. E era assim. Não se lhe dava que os pais e as irmazinhas gemessem. Aos queixumes e justas admoestações da boa mãe, respondia estoica e clinicamente: "Eh! minha mãe, aí é que bate o ponto!"

E ria-se estúpidamente. A mãe vivia desconsolada. João sofria calado.

De vez em quando, com a energia que lhe era peculiar, pedia seriedade ao rapaz. E passavam assim os dias daquela consciência, obcecada pela estupidices mais insensata. Mas, como após tempo, tempo vem, num belo dia (belo horrível!) bateu de chofre a miséria e a desgraça à porta do infortunado João. Num desses descabros raros da natureza, num desses desvarios imprevisíveis, Antonio, o filho estoico, o ingrato, o estúpido, torna-se também um desnaturado. Num momento de raiva incontida ele se embrutece, perde o sentimento e atira-se contra a sua genitora ferindo-a. Aos gritos angustiosos da pobre mãe, acorrem as meninas. Antonio, fêra que acabava de provar sangue, satanicamente endurecido, nem a vida lhes poupa. Atirando-se desvairado sobre aqueles corpos, sangue do seu sangue, prostra-os ali nos arrepios dos estertores. Outro Caim fraticida, mais ainda, esbravejando contra toda a natureza, deixando após si, portas escancaradas, tudo confusão da morte, ganhou o mundo, perseguido pela maldição de Deus.

* * *

João, o pobre pai; na estação, por entre as sacas de café, estava absorvido, pensando, como sempre, nos seus caros, mórmente no desventura-

FLORES

Lá no jardim... Correndo alegremente
De flor em flor, numa expansão sem fim
Zizi, a ostentar continuamente
Seus tres alvos dentinhos de marfim...

É uma flor... florzinha alvinitente,
Brincando, em torno às flores do jardim...
Eu ficaria absorto, eternamente,
A contemplar Zizi brincando assim.

Porém, hoje, Zizi não quer brincar
Está pálida... tão pálida e a cerrar
Seus tres alvos dentinhos de marfim.

Olhinhos semi-abertos, sem fulgores...
Não corre do jardim em torno as flores...
Cercam-na em vez as flores do jardim...

MAIA

D'
A
T
H
Á
Y
D
E

do Antonio. De chofre sente uma pancada no ombro: "João!" diz uma voz. Ele vira-se e dá com os olhos num guarda.

— Teu filho acaba de ser preso... tinha umas manchas de sangue, esbravejava e espumava, de raiva como obcesso. Um suspiro, um apêto de coração, um ai! foi toda a resposta. João, porem, ainda assim, era homem forte. Aprumou-se e decidido acompanhou o homem da justiça. Foi direito á penitenciaria, onde já estava recolhido o seu filho. Quatro pesadas grades de ferro se fecharam atraz dele. Cubiculo nº 37. "Abram!" diz o policia ao guarda. Abriu-se a porta. E lá no canto, ainda gotejando de suor estava Antonio.

João atira-se para ele: "Meu filho, que foi?" e tenta abraçá-lo.

Um gesto de horror de Antonio...

— Meu filho!... Outro gesto de horror.

Instantes de incerteza, de espanto e também de dôr. Dois corações que pulsavam... quatro olhos que se fitavam... dois braços estendidos... e uma

tremenda gargalhada abalou todo o assaolho. Antonio enlouquecera. Começou estólidamente a cantar esta quadra que aprendera nos cabarés:

O meu pai é: o dinheiro,
Minha mãe é a trapaça,
Meu irmão é o corrimboque
Meu amor é a cachaça!

Cada nota, uma punhalada no coração de João e do policia extatico.

A ultima nota levou em azas funerais tambem a dôr personificada naquela alma de pai, João desmaiara e logo depois exalou o ultimo suspiro. Depois... O sino da velha igreja, dobrava lugubrememente por tres mortes... O manicomio abria tambem as suas portas para mais desgraçados, para Antonio e sua mãe.

E ainda há pais, que tanto descuidam na primeira idade a educação religiosa de seus filhos.

* * *

Palmas e mais palmas recebe os dois meninos... O cavalo corre velozmente. E pouco depois os dois estão no trapezio... José vò pelos ares... João está pendurado das traves, todos os musculos em tensão.

—João segure-se bem, eu tenho um medo terrível por você. Lembre-se de seus pais. Se acontecer alguma cousa!... Para mim não tem importancia. Eu não tenho mais ninguém a não ser aquella menina no leito de morte.

Não tenho medo.

Apresse-se que o povo já está impaciente.

E de fato já se ouve murmurar por causa da demora.

José salta. João tenta agarrá-lo. Um grito. E... José... lá está... no chão... em frangalhos... João cobre o rosto com as mãos... e cai...

Morto... ao lado do amigo...

A cabeça loura ao lado da cabeça preta...

Um perto do outro, como se escutassem...

Lá fora, a doente em delirio solta uma aguda gargalhada...

O Vício

* *

Diariamente, às 10 horas da noite, Albérico rumava direção do Recife. Lá já estavam os comparsas de costume: Clovis e Mauro.

E subiam — degenradas criaturas! — a um terceiro andar e se entregavam à bebedeira. Uma alegria anormal os invadia. E desciam, madrugada já, tonbando de sono e bêbados. Embaixo cada qual tomava seu rumo. Mauro e Clovis moravam numa pensão. Podiam, portanto, chegar a qualquer hora. Alberico, porem, residia com os pais e difficil lhe era entrar aquelas horas em ser pressentido. E aquella massa humana, vencida pelo poder embriagador do alcool, cambaleando, passo incerto, levantava o braço magro que ia cair sôbre a porta de uma casa onde todos dormiam... Todos, não. Uma pessoa velava á sua espera. E vinha abrir-lhe a porta. E ao deparar com o filho, cabelos desgrenhados, faces descoradas, vidrados os olhos, chorava que era sua mãe. E como mãe carinhosa e amiga o enlaçava nos braços e entre soluços amargurados e tristes exclamava: — Meu filho, você me mata!

Cena dolorosa e tristissima que quasi sempre se repetia... mas que um dia acabou para nunca mais se reproduzir.

Sábado. Alberico e os cumplices completamente embriagados. Uma discussão entre Mauro e um rapaz. Tentativa de paz. Confusão. Tiroteio. Um ferido. Alberico. A ambulância. O Pronto Socorro.

Quasi de manhã. E a mãe desventurada ouvir naquele dia bater á porta. Abriu-a. Não, não era o filho. Era um estranho que lhe dizia: — seu filho está muito mal no Pronto Socorro

E a mulher sofredora e heroica correu, voou ao hospital. Era tarde demais. Sobre a mesa das operações um corpo sem vida. Descobriu-lhe a cabeça. Seu filho! E em soluços, de joelhos ao pé do cadaver estremecido, exclamou: — Sua mãe vai com você, meu filho! — E num soluço se lhe partiu a alma.

E naquela manhã tão bela de verão, quando as ultimas estrelas deixavam de cintilar no céu pernambucano e o sol surgia moço e forte; quando a pas-sarada alegre dos campos, entoava um hino de glória ao novo dia, a cândida alma de uma mãe pura e boa acompanhava a alma negra de um filho degenerado.

Adauto José de Melo